

ARTE . VISUAL . ENSINO
Ambiente Virtual de Aprendizagem

Professor Doutor
Isaac Antonio Camargo

GESTÃO EM ARTES VISUAIS

Parte 7

Curso de Artes Visuais
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

*Artista: operário, artesão,
criador ou superstar?*

Olhando para o percurso histórico da Arte Visual, vê-se que o produtor de arte, comumente chamado de artista, assumiu diferentes perfis ao longo do tempo, fosse autônomo, coletivo ou colaborativo.

Nos tempos pré-históricos agia por conta própria como uma espécie de mago que atuava na relação entre o mundo natural e o sobrenatural como tem sido admitido pelas hipóteses correntes entendendo que suas obras tinham caráter mágico-propiciatório.

Na antiguidade passa a atuar como operário, artesão especializado dedicado a relatar, informar, por meio das imagens, as efemérides do poder realizadas pelos reis, rainhas, sacerdotes e agregados.

Isto não difere muito do que ainda faz na Idade Média, na Idade Moderna e, em certa medida, contemporaneamente. Estar a serviço do núcleo dominante da sociedade como seu repórter ou ilustrador é recorrente.

De um lado ou de outro, estar à serviço ou em oposição ao poder tem caracterizado a presença da Arte na história. Ora os artistas dependem do poder, ora o condenam. De um modo ou de outro a Arte está sempre em diálogo com a sociedade e, este diálogo, nem sempre é equilibrado ou cordato. Tensão e distensão são comuns nesta relação.

Há períodos em que a Arte produz aquilo que a sociedade espera dela e, em outros, opera no contrário, faz exatamente o que se opõe a ela. Nestes momentos a incompreensão, desinformação, conflitos e confrontos são percebidos como rupturas. O exemplo mais recente é a oposição entre Classicismo e Modernismo.

Pode-se dizer que a grande ruptura com a hegemonia do poder sobre a Arte ocorre com o advento da Modernidade, no entanto, isto não quer dizer que a vinculação da Arte com o poder é abolida, significa apenas que esta relação muda de posição.

Se até o século XIX as diretrizes para a criação artística eram dadas pela elite dominante de acordo com o gosto e interesses dominantes, a partir do momento em que os artistas decidem assumir sua autonomia estética também assumiram a autonomia econômica. Assim a produção artística não depende mais das encomendas, mas da iniciativa empreendedora.

Os artistas, a partir do Modernismo, fazem aquilo que acreditam, defendem e querem e oferecem à sociedade mas, nem sempre a sociedade está preparada para acatar ou incorporar tais condutas, assim a responsabilidade do artista passa a ser também a de constituir um novo público que aceite suas obras.

Aos poucos a reciprocidade do público se instaura. Por insistência dos artistas ou compreensão da sociedade, as manifestações passam a ser incorporadas ao senso comum e também aos negócios abrindo novos campos de especulação e investimento na Arte. Contudo, as transformações que foram propostas pela Modernidade e Pós-modernidade ainda continuam a desafiar o gosto e o interesse coletivo.

Se as Belas Artes focavam as habilidades dos artistas no desempenho de suas funções plásticas e estéticas na representação do visível, as Artes Plásticas investem nas investigações, na invenção, na manipulação de materiais e suportes fazendo com que os temas se tornem propostas.

A visualidade, material ou virtual, ocupa a Arte Visual, ampliando a versão das Artes Plásticas, incluindo as máquinas “imaginantes” como a fotografia, o cinema e seus sucedâneos o vídeo e a fotografia digital. Neste contexto, construir imagens não depende apenas de habilidades humanas, mas também são obtidas ou resultantes de aparelhos capazes de captar a luminosidade e transformá-la em imagem, com ou sem movimento.

Se isto não bastasse, os desdobramentos da Arte na contemporaneidade admitiram as tecnologias computacionais e, por conta disso, passaram a ser realizadas dentro dos próprios aparelhos, sem que tivessem a necessidade de captar o entorno.

Os artistas, por sua vez, entenderam que fazer Arte não consistia apenas no domínio de habilidades psicomotoras e assim passam a atuar como criadores multidisciplinares.

Atos, performances, intervenções, ocupações, transformações de coisas, matérias, ambientes e meios se tornaram coisas da Arte. Os objetos não satisfaziam mais, portanto, foram desmaterializados, transformados em conceitos, proposições em ocorrências no tempo e no espaço.

Os fazeres dos artistas deixaram de priorizar o manual e se tornaram intelectuais, cognitivos e mentais.

Neste novo contexto, fazer Arte não é mais e só uma questão de construir coisas, mas sim de idealizá-las, virtualizá-las, exercê-las como atos, manifestações e manifestos espaciotemporais, ocorrências capazes de mobilizar, interagir e compartilhar com os outros.

Interação, comunicação, marketing, empreendedorismo, passaram também a fazer parte da Arte.

Não se fala mais em suporte mas em mídias.

Neste clima pós-tecnológico, a presença do artista também é dispensável. Entra em cena o Gestor, o Curador, o Autor investido de novos poderes e possibilidades, um Pop, Super Star...

Olhando para o passado, vamos ver que a produção artística começou dependente da capacidade criativa e criadora de um indivíduo que, por sua conta e interesse, se propôs a elaborar imagens em busca de algum efeito ou resultado. Neste processo cria os meios intelectuais e materiais para realizar tais imagens. Se apropria dos recursos disponíveis na natureza para obter materiais e criar ferramentas e instrumentos capazes de registrar as imagens nas superfícies das cavernas, nos blocos de pedra, ossos e madeira.

O segundo estágio da produção artística, toma como tema as ações dos líderes: guerreiros, reis, rainhas, sacerdotes, conquistadores, heróis e mitos. Embora as obras sejam destinadas às narrativas do poder, a liberdade de expressão era limitada. Tal condição se manteve praticamente até o século XIX.

Estes artistas eram artifices, artesãos hábeis no trato dos materiais. Sua condição não era diferenciada de outros operários que atuavam na construção e ornamentação.

É de se supor que este trabalho fosse realizado por equipes especializadas. Assim atuavam os canteiros, pedreiros, entalhadores, escultores, pintores e demais artificies para a construção de edificações, ornamentação e mobiliário. A distinção ou qualificação social não os colocava na elite dominante, mas na plebe.

Isto parecer ter se mantido por bastante tempo a ponto de, na Idade Média, as categorias de prestadores de serviço se organizarem em Corporações de Ofícios, chamadas de Guildas.

As Guildas eram responsáveis pela organização, qualidade e precificação dos serviços prestados pelos profissionais que subscreviam cada uma delas.

As Guildas mantiveram seu poder e hegemonia até a criação das Academias de Arte no Renascimento que reestruturou o modo como a formação e o serviço de Arte passou a vigorar a partir de lá.

A formação dos artistas/artificies era realizada nas oficinas dos Mestres pelos Aprendizes, supervisionada pelos Oficiais.

Este processo de ensino era informal e realizado na práxis operativa do fazer diário, nos quais aos aprendizes eram destinadas as tarefas mais simples e trabalhosas no cotidiano destas oficinas. Na medida em que iam demonstrando domínio técnico, podiam acender ao nível de Oficial mas, quase nunca, ao de Mestre, já que tal cargo era quase que hereditário.

Grandes oficinas como a de Michelangelo ou Raphael no Renascimento ou dos Bernini, no Barroco, eram responsáveis por grande parte das encomendas dos nobres, religiosos e particulares e sua produção de qualidade e em grande escala. Neste caso, seus ateliês contavam com muitas pessoas entre aprendizes e oficiais e operários.

Ao Mestre, em geral o proprietário, cabia a idealização, criação e negociação dos empreendimentos mas, nem sempre, realizar cada uma das obras pessoalmente. Muitas das vezes era responsável pela elaboração de projetos, esboços, maquetes e, eventualmente, acabamento mantendo seu estilo ou “marca”.

Na medida em que a produção em larga escala reduziu, por vários motivos, especialmente econômicos. Outro destes motivos foi a criação das Academias de Arte que sistematizaram e oficializaram o processo de formação artística, incorporando ao fazer técnico, a formação humanística como a filosofia e a história e intelectual como a geometria e matemática.

Em vista disso, as oficinas também foram sendo reduzidas aos ateliês pessoais nos quais atuavam o artista e um ou outro aprendiz ou assistente. Assim a produção de obras em menor escala e mesmo uma a uma volta a ser comum entre os artistas com menos encomendas. Menos templos, palácios, mansões sendo construídos, menos serviços para os artistas.

Ainda assim a produção de imagens ainda competia aos artistas. Qualquer meio que dependesse delas, fosse no contexto da expressão qualificada de Belas Artes ou na Arquitetura e nas Artes Aplicadas como ornamentação, ilustração, editoração gráfica, produção de móveis tais serviços eram realizados por artistas. Durante algum tempo, eles puderam sobreviver deste tipo de produção.

No entanto, com o surgimento dos sistemas de reprodução, produção ótica e técnica de imagens, como a fotografia processos fotomecânicos, os serviços prestados pelos artistas foram migrando para campos específicos como o da Arquitetura e do Design. Para os artistas coube, quase que exclusivamente, a manutenção do campo expressivo.

Neste percurso histórico pode-se perceber que o trabalho do artista esteve entre duas tendências o individual e o coletivo.

Atualmente os artistas mais requisitados e de maior sucesso mantem ateliês, estúdios ou mesmo oficinas de grande porte e empregam vários assistentes. Além disso terceirizam muitos serviços paralelos ou correlatos.

Assim a Gestão em Arte deve também considerar que tais estúdios/empresas, a exemplo da Fábrica como chamou Andy Warhol ou o Science LTD de Damien Hirst, entendido como um laboratório científico, tentam dar uma nova identidade para o antigo estúdio, ateliê ou oficina e precisam de administração profissional pela complexidade que assumem como empresas de produção artística.

Gerir instituições de Arte na contemporaneidade é uma oportunidade e também um desafio para os bacharéis.

Os espaços expositivos não são só geográficos, mas também “midiográficos”, ou seja, a Rede Mundial de Computadores, assumiu uma importância crucial no contexto dos meios de comunicação, portanto, as chamadas Redes Sociais, substituem parte dos antigos eventos artísticos.

Acontecer na Rede é muito mais significativo do que acontecer na praça...

A visibilidade ou a pretensa popularidade que as redes sociais proporcionam tendem a obliterar a existência dos ambientes tradicionais de visitação, conhecimento e difusão das Obras de Arte, mas o mercado especulativo continua em alta...

Lidar com gestão de eventos, institucionais ou carreiras em redes sociais é também um campo importante de serviços neste contexto.

Pode-se dizer que os artistas atualmente operam em dois campos distintos:

Um que subentende a produção desinteressada cujo fim é contribuir social e esteticamente para o desenvolvimento da Arte e da cultura como um todo. Outro que está diretamente ligado ao mercado especulativo e comercial.

Aqueles que atuam no primeiro campo subsidiam a produção de suas obras com recursos próprios ou com subvenções institucionais e governamentais e dependem do circuito convencional de mostras e salões.

Os que atuam no segundo estão estreitamente ligados aos marchands, galeristas e leiloeiros que operam em paralelo com o mercado financeiro e dependem de boas relações com os gestores do mercado de Arte e econômico.

Não se deve confiar apenas em talento inato, natural ou predisposição genética, cada um é responsável pelas suas próprias escolhas, logo, há que se desenvolver métodos em que participem o esforço, a criatividade, a experimentação e as proposições sintonizadas com o tempo atual, sem perder de vista questões importantes como sustentabilidade e inovação.

Assim pode-se destacar uma outra oportunidade para o bacharel em arte: Gestão de Carreira.

Grande parte dos artistas gerenciam suas próprias carreiras, no entanto, dada a complexidade da produção artística atual, bem como, a necessidade de informação e difusão midiáticas, como também a busca por financiamento ou incentivo para a produção, nem sempre habilita o artista para atuar em todas estas frentes. Ai entra o Gestor de Carreira.

Tipificando condutas.

Pode-se, a título de melhorar a compreensão sobre os artistas Criar categorias que os separem em “tipos” com o fim de facilitar a abordagem em relação a eles e definir melhor os procedimentos enquanto gestores de carreira, na relação com cada um deles. A partir de algumas condutas foram tipificadas algumas categorias de produtores.

A partir de alguns substantivos recorrentes foram selecionadas algumas atitudes comuns entre eles agrupando-os sob seis “categorias”:

Autônomo; Amador;
Anacrônico; Coletivo;
Performático; Comercial.

Autônomo é aquele que investe em suas próprias competências e habilidades. Sua produção é autoral e empreendedora. Sua produção pode ocorrer tanto nos campos poéticos tradicionais como os da Pintura, Desenho, Escultura, Gravura ou nos mais novos como da Fotografia, o Cinema, o Vídeo, Animação, podem ser analógicos ou digitais. Tem suas próprias estratégias de produção e difusão.

Além delas também se dedica às atuais manifestações Performáticas, Interventivas e Instalações que podem ou não serem realizadas como atividade individual.

Não significa que a produção autônoma seja realizada apenas pelo próprio artista, mas também por meio do gerenciamento de equipes de trabalho com assistentes ou pela terceirização de empresas e profissionais para prestação de serviços especializados.

Amador, é um praticante dileitante. Investe em sua produção sem expectativa de retorno. Se orienta pelo prazer, portanto opta por condutas ou poéticas de interesse pessoal sem importar-se com quaisquer referências históricas, estéticas ou conceituais. Aprecia cópias, cultua seus trabalhos e os usa como decoração ou para presentear.

Anacrônico, é aquele que não reconhece as transformações pelas quais a Arte passou nos últimos séculos, mantém-se fiel à tradição acadêmica. Assume o gosto clássico e, em geral, de vertente naturalista. Preza e valoriza as habilidades técnicas e o virtuosismo na execução de suas obras.

Coletivo. Os coletivos criativos priorizam atividades e condutas que mobilizam grupos e investem na produção conjunta e, em geral, não autorais. Se destinam, quase sempre, à intervenções no meio ambiente, em performances e instalações. Muitas vezes tem caráter de ativismo político ou de engajamento social. Podem atuar também por meio de residências artísticas.

Performático, atua, em geral, individualmente em proposições autorais na realização de performances que podem ser promovidas em vários tipos de ambiente: abertos ou fechados, por meio de ações espontâneas ou programadas, coletivas ou privadas, dirigidas ou não a públicos específicos.

Comercial. Tal conceito é atribuído, comumente, a artistas que obtêm sucesso econômico por meio de relações com o mercado. Seja por atender o gosto reinante ou por meio da especulação e do protecionismo de investidores ou instituições que os promovem e se beneficiam de seu trabalho.

Outro entendimento deste tipo de artista diz respeito aqueles que desenvolvem suas obras, independente de conceito, proposição ou estilo e priorizam o aspecto mercantil de suas obras destinando-as ao comércio de decoração e ornamentação.

Tanto um quanto outro se limitam ao atendimento do gosto reinante junto ao seu público e mercado.